

COMENTÁRIO BÍBLICO

12º Domingo Comum – Ano A

21jun2020

1 Génesis 28,10-17; Salmo 91,1-10; Romanos 5,12-19

S. Mateus 10,24-33

²⁴Nenhum discípulo está acima do seu mestre, nem um servo está acima do seu senhor. ²⁵Basta ao discípulo que venha a ser como o seu mestre e ao servo como o seu senhor. Ora se ao dono da casa já chamaram Belzebu, que nomes não hão-de chamar aos outros membros da família!»

²⁶«Não tenham medo deles! Não há nada encoberto que não venha a descobrir-se, nem há nada escondido que não venha a saber-se. ²⁷O que eu vos digo em segredo, digam-no à luz do dia, e aquilo que vos é dito ao ouvido, apregoem-no em cima nos telhados. ²⁸Também não devem ter medo dos que matam o corpo mas não podem matar a alma. Temam antes a Deus que pode fazer perder tanto o corpo como a alma no inferno. ²⁹Não se vendem dois pássaros por uma moeda? No entanto, nem um só deles cai ao chão sem o vosso Pai querer. ³⁰Até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados! ³¹Não tenham medo! Vocês valem mais do que muitos pássaros.»

³²«Todo aquele que se declarar a meu favor diante dos homens, também eu farei o mesmo por ele diante do meu Pai que está nos céus. ³³Mas àquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante do meu Pai que está nos céus.»

1. O Evangelho deste dia é parte das recomendações de Jesus aos apóstolos, preparando-os para a pregação do Reino de Deus (S. Mateus 10, 5-42). Nesta perícopes são três – nada menos – as vezes que Jesus diz aos discípulos: “*Não tenham medo!*”. Ele sabia das circunstâncias persecutórias a que o anúncio do Reino de Deus estava sujeito e conhecia profundamente a condição humana. Por isso a insistência no conselho.

Olhando para o texto de modo mais amplo podemos perceber que o *medo* é uma questão muito séria no exercício da fé. É que tanto os Apóstolos, na sua atividade missionária, como os crentes em geral estão sujeitos a esse estado emocional – o medo – que resulta da consciência de ameaça ou perigo em ocorrências ocasionais com consequências específicas ou patológicas em estados mais ou menos longos da nossa existência. Ou seja, o conselho do Mestre não é só para os missionários, é também para nós: «*Não tenhais medo!*».

2. Ter medo não é propriamente uma fraqueza, mas um mecanismo de sobrevivência. Em muitas circunstâncias pode ser uma manifestação de responsabilidade, isto é, a possibilidade de evitarmos o perigo ou impedir que algo de grave ou mais grave aconteça. Um desastre de que fomos vítima, uma calamidade de que tivemos conhecimento como, por exemplo, os fogos florestais de Pedrogão Grande, há 3 anos, uma pandemia como a do COVID 19 que nos manteve em defesa apertada, fechados, e que agora vamos aprendendo a enfrentar. Tudo isto produz medos que habitam o nosso coração e produzem limites à nossa ação. Mas, o pior de tudo é que

tais medos podem transformar-se em verdadeiras forças que aprisionam as suas vítimas, as paralisam e inibem de prosseguir com normalidade o seu viver. Nessa altura passamos a viver entre o pavor e a (mesmo que leve) ansiedade. Fechamo-nos numa insegurança que arrepia, desconfiados e até agressivos. Ora, é aí que a fé tem uma palavra a dizer. Ao aconselhar-nos *“não tenhais medo”* Jesus lembra-nos que não estamos sós, pois, o Deus que nos criou em amor, que conhece o número dos nossos cabelos e quanto valemos para Si – *mais do que muitos pássaros* – está bem próximo de nós para nos recriar e continuar a cuidar. Então, procuremos que a nossa fé se traduza em atos de confiança. Recorramos à oração confiante, olhemo-nos ao espelho, perscrutemo-nos e procuremos enfrentar os nossos medos, os nossos sentimentos mais paralisantes, se necessário com a ajuda de gente cientificamente preparada. Depois, não nos quedemos em nós, procuremos abrir-nos a outros proporcionando-lhes espaço e tempo de silêncio e compreensão para exorcizarem as suas angústias do encontro com o mal.

3. Mas, o Evangelho de hoje interpela-nos de uma outra perspetiva.

Nas instruções dadas aos discípulos – uma espécie de ‘breviário do missionário’ – o Mestre prepara-os para as *“aflições”* (S. João 16,33) que vão ter de enfrentar ao anunciar o Reino de Deus. Previne-os para o medo que vão suscitar nos outros e nas consequências que vão sofrer. Se se anuncia que Deus é o Rei desse Reino e a sua vontade conquista a consciência de todos (*“seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”* – do Pai Nosso) tal anúncio é uma real ameaça para quem tem o poder e o quer perpetuar impondo-se aos outros. Parece estranho, mas esta é uma das questões mais profundas com que o Evangelho nos confronta. Na verdade, Jesus, ao falar como falou, está implicitamente a dizer que o anúncio do Reino de Deus constitui por si só uma ameaça para quem detém poder, qualquer que seja desde os níveis menores aos mais altos, quaisquer que sejam as áreas da sua ação. Tomados pelo medo de perderem a ‘importância’ e o ‘valor’ do poder que usufruem reagem, consciente ou inconscientemente, com animosidade, violência e rejeição para quem anuncia o Reino em liberdade ou é sinal do mesmo procurando usar os seus valores nas escolhas e decisões da sua vida. Por isso Jesus recomenda: *“Não devem ter medo dos que matam o corpo mas não podem matar a alma”*.

Que Jesus nos conceda força e luz para sermos sinais do Seu Reino neste mundo tão conturbado em que vivemos, não obstante os riscos a que estamos sujeitos.

+ Fernando

Bispo Emérito da Igreja Lusitana